



Um voo sobre a Terra Púrpura: uma análise das memórias do exílio de Eduardo Galeano

A flight over the Purple Land: an analysis of Eduardo Galeano's memoirs of exile

Un vuelo sobre la Tierra Púrpura: un análisis de las memorias del exilio de Eduardo Galeano

 **Cristina Allegretti Torli** E-mail: cristina.torii@unila.edu.br

 Universidade Federal da Integração Latino-Americana (UNILA), Foz do Iguaçu, PR, Brasil



Resumo: Compreendendo o exílio como uma experiência que provoca transformações na identidade do desterrado, pretendemos, neste artigo, realizar uma análise das memórias do exílio de Eduardo Galeano. Para isso, optamos por centrar nosso estudo em seu livro *Días y Noches de Amor y de Guerra*, cuja publicação ocorreu em 1978, na Espanha. Fundamentam nossa análise teóricos que abordam a temática da memória – como Seligmann-Silva e Aleida Assmann – e pesquisas acerca do fenômeno do exílio – como as elaboradas por Denise Rollemberg, Pablo Yankelevich e Luis Roniger. Abordaremos, assim, a visão do autor uruguaio acerca das Ditaduras ocorridas na América Latina entre as décadas de 60 e 80, e apresentaremos o desterro como uma vivência complexa, marcada pela dificuldade do afastamento forçado da terra e dos familiares e apontada, simultaneamente, como uma possibilidade de descoberta e ampliação de horizontes. Valemo-nos, assim, do conceito de metamorfose, teorizado por Rollemberg, para qualificar este período tão representativo na obra de Galeano.

Palavras-chave: Eduardo Galeano; exílio; ditadura; memória.

Abstract: Understanding exile as an experience that provokes transformations in the identity of the exiled, this article aims to analyze Eduardo Galeano's memoirs of exile. To this end, we chose to focus our study on his book *Días y Noches de Amor y de Guerra*, published in 1978 in Spain. Our analysis is based on theorists who address the theme of memory, such as Seligmann-Silva and Aleida Assmann, and research on the phenomenon of exile, including the one conducted by Denise Rollemberg, Pablo Yankelevich, and Luis Roniger. We will thus address the Uruguayan author's view of the dictatorships that occurred in Latin America between the 1960s and 1980s, and we will present exile as a complex experience, marked by the difficulty of being forced away from one's land and family and simultaneously seen as a possibility for discovery and broadening one's horizons. We will therefore use the concept of metamorphosis, theorized by Rollemberg, to describe this period, so representative of Galeano's work.

Keywords: Eduardo Galeano; exile; dictatorship; memory.

Resumen: Comprendiendo el exilio como una experiencia que provoca transformaciones en la identidad del desterrado, pretendemos, en este artículo, realizar un análisis de las memorias del exilio de Eduardo Galeano. Para ello, optamos por centrar nuestro estudio en su libro *Días y Noches de Amor y Guerra*, cuya publicación ocurrió en 1978, en España. Nuestro análisis se fundamenta en los teóricos que abordan la temática de la memoria – como Seligmann-Silva y Aleida Assmann – e investigaciones acerca del fenómeno del exilio – como las elaboradas por Denise Rollemberg, Pablo Yankelevich y Luis Roniger. Abordaremos, así, la visión del autor uruguayo acerca de las dictaduras ocurridas en América Latina entre las décadas de los 60 y los 80, y presentaremos el destierro como una vivencia compleja, marcada por la dificultad que provoca el alejamiento físico forzado [involuntario] de la tierra de y de los familiares y simultáneamente señalada, como una posibilidad de descubrimientos [nuevas experiencias] y ampliación de horizontes. Así pues, nos valemos del concepto de metamorfosis, que teorizó Rollemberg, para cualificar este periodo tan representativo en la obra de Galeano.

Palabras clave: Eduardo Galeano; exilio; dictadura; memoria.

Introdução

Quando Eduardo Galeano sobrevoou, na época do exílio, o Uruguai submetido à Ditadura, refletiu sobre o significado que o distanciamento proporcionado pelo desterro estava ocasionando em sua vida, sobre a violação que o regime provocava em sua terra e sobre a nostalgia que sentia em relação aos seus familiares e ao seu país. Galeano nasceu em Montevideu – Uruguai, em 1940. Foi um renomado jornalista e intelectual e ficou conhecido mundialmente por ser um defensor da causa da América Latina e dos países subdesenvolvidos. Publicou mais de 40 livros e denunciou, ao longo de sua obra, os massacres – decorrentes da ascensão do sistema capitalista – vivenciados pelos países do “sul do mundo”. A temática do exílio é recorrente em seus livros e apontada pelo próprio autor como uma experiência que ressignificou sua vida.

Com o objetivo de estudar este período do exílio de Galeano, analisaremos a obra *Días y Noches de Amor y de Guerra*, cuja publicação ocorreu em 1978, na Espanha, e cujo conteúdo é disposto em breves narrativas marcadas por suas lembranças dos “anos de chumbo” da América Latina. Nesta obra, o autor menciona episódios caracterizados pela violência e pelo autoritarismo nas ditaduras de vários países, concentrando-se particularmente nas conjunturas do Uruguai e da Argentina, países em que viveu e sofreu perseguição política. Nesse sentido, este trabalho está dividido em 2 seções principais: primeiramente, procuraremos, na seção intitulada “*O Sistema*”: *memórias dos anos de chumbo das Ditaduras Latino-Americanas*, demonstrar a visão do autor acerca dos regimes ditatoriais em nosso continente, contextualizando a sua obra e apresentando seu conceito de “sistema”. Posteriormente, na seção *Um voo sobre a Terra Púrpura: Eduardo Galeano e suas lembranças do Uruguai no Exílio*, analisaremos – à luz de teóricos que se propõem a estudar a temática da memória – a maneira como os escritos foram importantes para a reconexão ao mundo após a experiência traumática, servindo, também, como estabilizadores da memória. Procuramos, ademais, compreender a forma como o desterro aparece nos escritos do autor – para isso, concentramo-nos, particularmente, em crônicas cujos conteúdos remetem ao Uruguai. Dialogaremos, aqui, com teóricos que problematizam a questão do exílio, centrando a análise na percepção da complexidade desta experiência, a qual proporciona, simultaneamente, dificuldades e ampliação de horizontes ao desterrado.

Desenvolvimento

“O Sistema”: memórias dos anos de chumbo das Ditaduras Latino-Americanas

A instauração das ditaduras militares em diversos países da América Latina tem como contexto a disputa política e econômica entre os sistemas capitalista e comunista, que se intensificou com o fim da Segunda Guerra Mundial. Temendo pela disseminação de movimentos sociais e, conseqüentemente, pela possibilidade de revoluções socialistas, os Estados Unidos procuraram reprimir o avanço do comunismo e de movimentos de esquerda. A instauração dos regimes autoritários nos anos 60 e 70 no continente latino-americano pautou-se nesta política.

Como um denunciante da condição de dependência dos países subdesenvolvidos, Galeano combateu constantemente o imperialismo impulsionado pelos norte-americanos em nosso continente. Desde seu livro mais famoso, *Las venas abiertas de América Latina* – cuja circulação passou, inclusive, a ser proibida em alguns países submetidos às ditaduras – o autor manifesta seu pensamento resistente à colonização. Em *Días y Noches de Amor y de Guerra*, Galeano também proclama, incansavelmente, a luta contra a subjugação às ditaduras, denunciando o que ele denomina de “o sistema”: uma máquina que comanda os países, caracterizada pela convivência com o horror:

EL SISTEMA

Medio millón de uruguayos fuera del país. Un millón de paraguayos, medio millón de chilenos. Los barcos zarpan repletos de muchachos que huyen de la prisión, la fosa del hambre. Estar vivo es un peligro; pensar, un pecado; comer, un milagro.

Pero, ¿cuántos son los desterrados dentro de las fronteras del propio país? ¿Qué estadística registra a los condenados a la resignación y al silencio? El crimen de la esperanza, ¿no es peor que el crimen de las personas?

La dictadura es una costumbre de la infamia: una máquina que te hace sordo y mudo, incapaz de escuchar, impotente de decir y ciego de lo que está prohibido mirar.

El primer muerto por torturas desencadenó, en el Brasil, en 1964, un escándalo nacional.

El muerto por torturas número diez apenas si apareció en los diarios. El número cincuenta fue aceptado como "normal".

La máquina enseña a aceptar el horror, como se acepta el frío en invierno [Galeano, 2000, p. 49].

Nesse sentido, no decorrer do livro *Días y Noches de Amor y de Guerra*, está presente um sentimento de contrariedade, protesto e irresignação ao regime. Galeano constantemente enfatiza sua repulsa ao princípio de repressão e banalização da violência característico das ditaduras, manifestando sua contestação aos silenciamentos e à coerção incessante do "sistema":

EL SISTEMA

La máquina acosa a los jóvenes: los encierra, los tortura, los mata. Ellos son la prueba viva de su impotencia. Los echa: los vende, carne humana, brazos baratos, al extranjero.

La máquina, estéril, odia todo lo que crece y se mueve. Sólo es capaz de multiplicar las cárceles y los cementerios. No puede producir otra cosa que presos y cadáveres, espías y policías, mendigos y desterrados.

Ser joven es un delito. La realidad lo comete todos los días, a la hora del alba; y también la historia, que cada mañana nace de nuevo.

Por eso la realidad y la historia están prohibidas [Galeano, 2000, p. 74].

O autor discorre sobre a ditadura em textos curtos intitulados *El Sistema* 16 vezes no livro que estamos analisando. Reitera, insistentemente, as temáticas relativas à violência, à tortura, ao silenciamento e à manipulação da história, manifestando oposição à política de "multiplicação de prisões e cemitérios" e argumentando que a ditadura apenas tem a capacidade de produzir "presos e cadáveres", como no trecho citado.

Sabe-se, nesse sentido, que os Regimes Ditatoriais no continente latino-americano, de maneira geral, foram caracterizados pela repressão aos discordantes do sistema e pela configuração de um governo que privilegiou os interesses capitalistas e elitistas da sociedade. Amparados pelos Estados Unidos, os militares que tomaram o poder sustentaram, no decorrer dos anos, o benefício das classes dominantes. Para isso, buscavam silenciar todos aqueles que se manifestavam contrariamente ao sistema.

Em nome da defesa da civilização ocidental e cristã contra o comunismo, as ditaduras latino-americanas combateram iniciativas associativas, perseguiram e eliminaram dissidentes, controlaram a circulação de informações e estimularam práticas de vigilância e delação entre os membros da comunidade, promovendo a desconfiança no interior da sociedade e desta em relação ao Estado [Ayerbe, 2002, p. 262].

Juntamente à denúncia contra o denominado "sistema", Galeano demonstra, em seus escritos, a permanência da resistência daqueles que protestam contra o regime: as "palavras teimosas" lutam contra a colonização das consciências e contra a proibição da lembrança. Mesmo com a característica autoritária e coercitiva dos regimes ditatoriais, o autor evidencia a presença efetiva de movimentos de resistência contra as ditaduras:

EL SISTEMA

Plan de exterminio: arrasar la hierba, arrancar de raíz hasta la última plantita todavía viva, regar la tierra con sal.

Después, matar la memoria de la hierba. Para colonizar las conciencias, suprimirlas; para suprimirlas, vaciarlas de pasado. Aniquilar todo testimonio de que en la comarca hubo algo más que silencio, cárceles y tumbas.

Está prohibido recordar.

Se forman cuadrillas de presos. Por las noches, se les obliga a tapar con pintura blanca las frases de protesta que en otros tiempos cubrían los muros de la ciudad.

La lluvia, de tanto golpear los muros, va disolviendo la pintura blanca. Y reaparecen, poquito a poco, las porfiadas palabras [Galeano, 2000, p. 116].

Em *Días y Noches de Amor y de Guerra*, Galeano preocupa-se em apresentar um panorama das ditaduras instauradas na América Latina. Conhecedor da realidade, o autor discorre acerca da situação de diversos países – como Uruguai, Argentina, Brasil, Chile, Venezuela, Equador, Paraguai e Cuba. Seu reconhecimento e sua visibilidade acabaram sendo fatores elementares que impulsionaram sua perseguição política. Pablo Yankelevich, estudioso dos exílios latino-americanos, destacou a importância de compreender que o exílio ocorre substancialmente com figuras possuidoras de um certo protagonismo, detentoras de voz em seus países. Nesse sentido, a saída do país se processava como uma escala obrigatória para a sobrevivência ou para a preservação da liberdade, tendo em vista a política de extermínio inscrita na doutrina de segurança nacional. Galeano, em seus escritos, com frequência discorre sobre a questão da sobrevivência, da tortura e das mortes no período da ditadura, o que dialoga com a constatação de Yankelevich:

Por garabatear en un muro Viva la libertad o arrojar un volante en la calle, un hombre ha de pasar en la cárcel, si sobrevive a la tortura, buena parte de su vida. Si no sobrevive, el certificado de defunción dirá que pretendió huir, dando un traspié y precipitándose al vacío, o que se ahorcó, o que ha fallecido víctima de un ataque de asma. No habrá autopsia. Se inaugura una cárcel por mes. Es lo que los economistas llaman Plan de Desarrollo.

Pero, ¿y las jaulas invisibles? ¿En qué informe oficial o denuncia de oposición figuran, los presos del miedo? Miedo a perder el trabajo, miedo a no encontrarlo, miedo de hablar, miedo de escuchar, miedo de leer. En el país del silencio, se puede terminar en un campo de concentración por culpa del brillo de la mirada. No es necesario echar a un funcionario: alcanza con hacerle saber que puede ser destituido sin sumario y que nadie le dará nunca empleo. La censura triunfa de verdad cuando cada ciudadano se convierte en el implacable censor de sus propios actos y palabras.

La dictadura convierte en cárceles los cuarteles y las comisarías, los vagones abandonados, los barcos en desuso. ¿No convierte también en cárcel la casa de cada uno? [Galeano, 2000, p. 52].

O exílio constituiu-se, deste modo, em uma política repressora urgente pautada no afastamento de intelectuais que possuíam protagonismo em seus países. As memórias deste período refletem um tom de denúncia: como indica Denise Rollemberg, estudiosa do fenômeno do exílio no Brasil no contexto da ditadura, os exilados tiveram como tarefas urgentes o protesto e o esclarecimento da realidade e procuravam denunciá-la [Rollemberg, 2007]. É o que Galeano procura fazer insistentemente, consciente de sofrer consequências pelo exercício livre das palavras.

Procuramos, nesta seção, evidenciar a perspectiva do autor acerca dos regimes autoritários da América Latina. Na próxima seção, pretendemos destacar a discussão acerca do exílio de Galeano – para isso, faremos um recorte temático das crônicas cujas lembranças concentram-se no Uruguai.

Um voo sobre a Terra Púrpura: Eduardo Galeano e suas lembranças do Uruguai no Exílio

Com o golpe militar instaurado no Uruguai em 1973, Galeano ficou impedido de permanecer em seu país e exilou-se em Buenos Aires, onde atuou como diretor de *Crisis* – revista que tinha como propósito a difusão irrestrita de notícias e que se pautava na discussão democrática de ideias, criticando os governos autoritários e o Imperialismo. Em 1976, irrompeu o golpe na Argentina e, com o aumento da repressão, *Crisis* foi proibida e Galeano começou a sofrer perseguição política também neste país. O autor enfrentou, então, o exílio pela segunda vez: deixou a Argentina e instalou-se em Calella de la Costa, um povoado próximo a Barcelona, na Espanha [Kovacic, 2016]. Na crônica *No veía la luz ni podía caminar más de tres pasos*, presente no livro que estamos analisando, Galeano rememora a perseguição política sofrida na época da instauração do regime militar no Uruguai:

NO VEÍA LA LUZ NI PODÍA CAMINAR MÁS DE TRES PASOS

Poco antes del golpe, volviendo de otro viaje, supe que la policía me había ido a buscar a mi casa de Montevideo.

Me presenté solo. Sentí miedo al entrar. La puerta se cerró a mis espaldas con un ruido seco, de trampa. El miedo me duró una hora. Después se me fue del cuerpo.

¿Qué me podía ocurrir, peor que la muerte? No iba a ser la primera visita.

Estaba de cara contra la pared, en el patio. El piso de arriba era un centro de torturas.

Detrás de mí pasaban los presos. Los arrastraban por el patio. Algunos volvían deshechos; los arrojaban al piso. A medianoche sonaba la sirena del transmisor.

Yo escuchaba el estrépito, los insultos, la excitación de la jauría lanzándose a la caza del hombre. Los policías regresaban al amanecer.

Un par de días después me subieron a un auto. Me trasladaron, me encerraron en una celda.

Rayé mi nombre en la pared.

Por las noches escuchaba gritos.

Empecé a sentir la necesidad de conversar con alguien. Me hice amigo de un ratoncito.

Yo no sabía si iba a estar encerrado días o años, y al poco tiempo se pierde la cuenta.

Fueron días. Siempre tuve suerte.

La noche que me soltaron escuché murmullos y voces lejanas, ruidos de metales, mientras caminaba por los corredores con un guardia a cada lado. Entonces los presos se pusieron a silbar, suavemente, como soplando paredes. El silbido fue creciendo hasta que la voz, todas las voces en una, rompió a cantar. La canción sacudía las paredes. Caminé hasta mi casa. Era una noche cálida y serena. En Montevideo empezaba el otoño.

Me enteré de que hacía una semana que había muerto Picasso.

Pasó un tiempito y empezó el exilio [Galeano, 2000, p. 57].

Percebemos, nesse sentido, que as lembranças de Galeano dos dias em que esteve aprisionado são caracterizadas pelo medo, pela imagem do centro de torturas e dos presos torturados, arrastados e jogados ao chão. A amizade com o ratinho, a sensação de trancamento em uma cela e os gritos escutados à noite remetem à visão do sistema de repressão e da violência ditatorial. Sob a metáfora do assobio dos presos que vira canção e sacode as paredes, aparece a ideia de resistência ao regime: esta temática da relutância contra o sistema é uma constante na fala de Galeano, como vimos. Neste processo, a escrita desponta como recurso importante utilizado para resguardar vozes suprimidas na conjuntura repressiva da ditadura:

Escribir, ¿tiene sentido? La pregunta me pesa en la mano. Se organizan aduanas de palabras, quemaderos de palabras, cementerios de palabras. Para que nos resignemos a vivir una vida que no es la nuestra, se nos obliga a aceptar como nuestra una memoria ajena. Realidad enmascarada, historia contada por los vencedores: quizás escribir no sea más que una tentativa de poner a salvo, en el tiempo de la infamia, las voces que darán testimonio de que aquí estuvimos y así fuimos [Galeano, 2000, p. 112, 113].

Partindo da ideia de que o testemunho de catástrofes só existe sob o signo do colapso e da sua impossibilidade, o crítico brasileiro Márcio Seligmann-Silva, no artigo *Narrar o trauma – a questão dos testemunhos de catástrofes históricas*, reflete acerca do testemunho como uma condição de sobrevivência. Segundo o autor, narrar o trauma tem um sentido primário de desejo de renascer: o testemunho tem um papel fundamental de integração do passado, e esta integração só pode ser alcançada contra o negacionismo característico de contextos marcados pela violência e pelo extermínio. O negacionismo sustenta-se na política de apagamento de locais e marcas das atrocidades e na tentativa de contrariar a veracidade do testemunho de sobreviventes dessas conjunturas traumáticas [Seligmann-Silva, 2008].

Valemo-nos desta reflexão para acrescentar ao argumento de que a escrita de Galeano, além de uma maneira de conservar as vozes resistentes ao regime ditatorial, é, também, um mecanismo de religamento ao mundo e de integração do passado traumático. Registrar os acontecimentos marcados pela extrema violência, por mortes de companheiros, por torturas e ameaças constitui um ato de oposição à ditadura e uma tentativa de conexão ao mundo, indicando o esforço pela remanescência após o choque desses episódios traumáticos.

Aleida Assmann, pesquisadora alemã que se propõe a estudar a temática da memória, realiza, na obra *Espaços da Recordação: formas e transformações da memória cultural*, um intenso debate acerca da questão. No capítulo *Corpo*, a autora desempenha uma discussão acerca dos estabilizadores das recordações. Partindo do pressuposto de que as recordações são caracterizadas por uma qualidade de volatilidade, a autora afirma que as pessoas, em diferentes culturas, recorreram a estabilizadores materiais, desde mnemotécnicas objetais e visuais até a escrita. Dentre esses estabilizadores de recordação, a autora menciona a língua, o afeto, o símbolo e o trauma. A língua, segundo Assmann, é o estabilizador mais poderoso das recordações – esta afirmação baseia-se no argumento de que, quando verbalizamos um acontecimento, lembramo-nos mais da verbalização do que do acontecimento em si [Assmann, 2011]. Nesse sentido, acreditamos que a escrita de Galeano acerca daqueles tempos adjetivados pelo próprio autor como “sombrios” representa a resistência ao regime ditatorial, a tentativa de reconexão ao mundo e uma procura por estabilizar as suas rememorações e de resguardar as vozes suprimidas naquela conjuntura.

Galeano utilizou a escrita para conservar, também, as memórias de seu país e dos familiares e amigos que lá permaneceram. No intuito de realizar uma discussão acerca do exílio do autor, optamos por focar, a partir de agora, em duas crônicas escritas sobre o Uruguai: *Esa vieja es un país* e *Crónica de un vuelo sobre la Tierra Purpúrea*. A opção pela escolha dessas duas crônicas relaciona-se com seu conteúdo sensível de rememoração de sua terra, que dialoga com a temática do exílio. Em *Esa vieja es un país*, Galeano conta sobre a visita de sua avó no período de seu primeiro exílio, em Buenos Aires. A presença da avó remete o autor a pensar na realidade do Uruguai sob o período da ditadura:

ESA VIEJA ES UN PAÍS

1.

La última vez que la Abuela viajó a Buenos Aires llegó sin ningún diente, como un recién nacido. Yo hice como que no lo notaba. Graciela me había advertido, por teléfono, desde Montevideo: “Está muy preocupada. Me preguntó: ¿No me encontrará fea, Eduardo?”

La Abuela estaba hecha un pajarito. Los años iban pasando y la encogían.

Salimos abrazados del puerto.

Le propuse un taxi.

-No, no - le dije -. No es porque crea que te vas a cansar. Yo sé que vos aguantas. Es que el hotel queda muy lejos, ¿entendés?

Pero ella quería caminar.

-Escúchame, Abuela - le dije -. Por aquí no vale la pena. El paisaje es feo. Ésta es una parte fea de Buenos Aires. Después, cuando hayas descansado, vamos a ir juntos a caminar por los parques.

Se detuvo, me miró de arriba a abajo. Me insultó. Y me preguntó, furiosa: - ¿Te crees que yo miro el paisaje, cuando camino contigo?

Se colgó de mí.

-Me siento agrandada - me dijo - bajo el ala tuya. Me preguntó: "¿Te acordás cuando me llevabas alzada, en el sanatorio, después de la operación?"

Me habló del Uruguay, del silencio y del miedo.

-Está todo tan sucio. Está tan sucio todo.

Me habló de la muerte:

-Yo voy a reencarnar en un abrojo. O en un nieto o bisnieto tuyo, yo voy a aparecer.

-Pero, vieja -le dije-. Si usted va a vivir doscientos años. No me hable de la muerte, que usted tiene para mucho todavía.

-No seas perverso - me dijo.

Me dijo que estaba harta de su cuerpo.

-Dos por tres le digo, a mi cuerpo: "No te soporto". Y él me contesta: "Y yo tampoco".

-Mira-me dijo, y se estiró el pellejo del brazo.

Me habló del viaje:

-¿Te acordás cuando te estaba matando la fiebre en Venezuela y yo me pasé la noche llorando, en Montevideo, sin saber por qué? Todos estos días yo le venía diciendo a Emma: "Eduardo no está tranquilo". Y me vine. Y ahora también pienso que no estás tranquilo.

2.

La Abuela estuvo unos días y se volvió a Montevideo. Al tiempo le escribí una carta.

Le escribí que no se cuide, que no se aburra, que no se canse. Le dije que yo bien sé de dónde viene el barro con que me hicieron.

Y después me avisaron que había tenido un accidente.

La llamé por teléfono.

-Fue culpa mía -me dijo -. Me escapé y me fui caminando hasta la Universidad, por el mismo camino que antes hacía para verte. ¿Te acordás? Yo ya sé que no puedo hacer eso.

Cada vez que voy, me caigo. Llegué al pie de la escalera y dije, en voz alta: "Aroma del tiempo", que era el nombre del perfume que una vez me regalaste. Y entonces me caí.

Me levantaron y me trajeron aquí. Creyeron que me había roto algún hueso.

Pero hoy, no bien me dejaron sola, me levanté de la cama y me escapé. Salí a la calle y dije: "Yo estoy bien viva y loca, como él me quiere" [Galeano, 2000, p. 71, 72].

Galeano demonstra, de maneira muito sensível, o sentimento de carinho e cuidado com a avó: sua visita faz com que o autor tenha a sensação de que sua avó é seu país, como o título da crônica indica. Nessa circunstância, a presença da avó remete o autor às lembranças da terra. Segundo a crônica, a avó vai visitá-lo no exílio diante da intuição de que o autor não está tranquilo. Essa preocupação remete a uma discussão acerca da natureza do exílio, cujas características associam-se a sentimentos de confusão, solidão e sobrevivência, configurando-se em uma experiência heterogênea. Denise Rollemberg aponta, ao estudar o exílio brasileiro entre as décadas de 60 e 70, que as memórias dos exilados são marcadas por estranhamento, desenraizamento, sofrimento, perdas, luto, dor; mas também por descobertas, aprendizado e enriquecimento [Rollemberg, 2007]. A autora, enfatizando a contribuição do diálogo entre a História e a Psicanálise para a compreensão das diversidades, contribuições e dubiedades que a experiência impõe ao exilado, afirma:

As memórias do exílio revelam o desenraizamento das referências que davam identidade política e pessoal às gerações 1964 e 1968; a derrota de um projeto; o constrangimento ao estranhamento; a perda do convívio com a língua materna, o afastamento das famílias, as separações; a interrupção de carreiras, o abandono de empregos; a ruptura física e psicológica; a desestruturação [Rollemberg, 2007, p. 2].

Muitas dessas questões colocadas por Rollemberg estão presentes ao longo de *Días y Noches de Amor y de Guerra*. Recorrentemente o autor relata o trauma psicológico causado pelo desterro, demonstrando desorientação, desesperança e abatimento. O afeto e a ternura diante da visita da avó em *Esa vieja es un país* ilustram a dificuldade em lidar com o afastamento da família. O fato de a avó sentir que seu neto não está tranquilo também indica o imaginário de dificuldades a que o exilado é submetido.

Em *Crónica de un vuelo sobre la Tierra Purpúrea*, Galeano, ao sobrevoar seu país no período do exílio, é levado novamente a uma reflexão acerca da situação de seu país. Assim como em *Esa vieja es un país*, Galeano, ao sobrevoar a “terra púrpura” anuncia as sensações do exílio e menciona o pensamento frequente em seu país e em seu povo:

Eric miraba por la ventana del boeing. Vichó el reloj y me dijo:

- Esta es tu tierra.

Estábamos saliendo del banco de nubes. El avión no haría escala en Montevideo; volaba directo a Buenos Aires.

Debajo de nosotros se extendían los campos sin nadie: tierra arrasada, tierra violada, no amada por sus dueños. Allí habían alzado lanzas los jinetes pastores. Allí un caudillo de poncho raído había dictado, hace más de un siglo y medio, la primera reforma agraria de América Latina. Hoy está prohibido hablar de eso en las escuelas.

- Estamos volando sobre tu país - dijo Eric.

Dije:

- Sí.

Eric se calló.

Y yo pensé: Esta tierra mía, ¿se acordará de mí?

Había vuelto, por las noches, con frecuencia. Después de mucho llamar al sueño em mi casa de Buenos Aires, se me cerraban los ojos y se encendían las luces de Montevideo: yo caminaba por la rambla, al borde del mar, o por las calles del centro, medio escondido, medio acosado, buscando a mi gente. Me despertaba bañado em transpiración y estrangulado por la angustia de volver y no ser reconocido. Entonces me levantaba y me iba al baño. Me mojaba la cabeza y bebía agua de la canilla. Después me quedaba, hasta el amanecer, sentado en la cama, con el mentón en las rodillas. Fumaba y pensaba. ¿Por qué no volvía hoy mismo al lugar al que yo pertenecía? Mi país estaba roto, y yo prohibido. Yo sabía que había tenido más suerte que mis amigos enjaulados o asesinados o reventados por la tortura, y que la prohibición era, en cierto modo, un homenaje: la prueba de que escribir no había sido una pasión inútil. Pero pensaba:

¿Merezco estar? ¿Valdré para alguien la pena? ¿Hay algún eco o huella de nosotros en las calles vacías de mi ciudad? ¿Qué puedo hacer yo allí, salvo callar o pudrirme en la cárcel porque sí o por las dudas?

[...]

Eric dormitaba a mi lado en el avión y a mí me zumbaba la cabeza.

Cuando regrese, pensaba, voy a recorrer los lugares donde me hice o me hicieron; y voy a repetir, solo, todo lo que una vuelta, alguna vez, viví acompañado por los que ya no están. Alguna voz tarareaba bajito, dentro de mí, la canción de Milton Nascimento:

Descobri que minha arma é

o que a memória guarda...

Sabor de la primera leche bebida de la madre. ¿Qué manjares podrían compararse con los chokolatines aquellos que me compraba la Abuela en la panadería de al lado? ¿Y las lentejas que me cocinaba cada jueves, hasta que me fui de Montevideo? Yo les sigo persiguiendo el gusto por las mesas del mundo.

Descobri que tudo muda e

que tudo é pequeno... [Galeano, 2000, p. 74-76].

Diante dessas reflexões, percebemos, mais uma vez, alguns elementos característicos do exílio: o sentimento de contestação e denúncia ao regime, o pensamento frequente em seu país, as lembranças e sonhos com Montevideu, as sensações da infância. O autor acrescenta, também, a angústia diante da expectativa de retornar e não ser reconhecido e a inconformação com o impedimento de não poder retornar imediatamente ao lugar ao qual pertencia. Nota-se, na crônica, o quanto Galeano se sensibiliza ao sobrevoar sua terra, reconhecendo que sua única possibilidade de estar nela é sobrevoando-a, sem a permissão de pousar, sem a permissão exercer sua profissão e de ser livre.

Luis Roniger, em seu artigo *Reflexões sobre o exílio como tema de investigação: avanços teóricos e desafios*, elucida a diferença entre o migrante e o exilado – de maneira geral, enquanto este é forçado a sair do país por questões políticas, aquele decide sair para resolver uma situação econômica difícil. Deste modo, Roniger esclarece uma particularidade do exilado: o retorno proibido. Ao contrário do exilado, o migrante tem a possibilidade de retornar – mesmo que não possua os meios para tal, este direito não lhe é denegado [Roniger, 2011].

Esta particularidade do retorno proibido está evidente nas reflexões de *Um voo sobre a terra púrpura*, na medida em que Galeano se indaga acerca da sua impossibilidade de voltar e sobre a sua proibição em seu país. Essa situação significava, nesse sentido, que o exilado não tinha o direito de retornar ao lugar em que cresceu; significava estar impedido de visitar familiares e amigos. Considerando a importância simbólica do pertencimento ao país na constituição da identidade, a violação oficial do direito de estar em sua terra e visitar sua família constituía, extrapolando a discussão, uma violação da própria identidade. Não é por acaso que Galeano demonstra a inconformidade e desesperança diante da situação, revelando suas noites insones e os pesadelos que representavam a possibilidade de não ser reconhecido. Em uma síntese acerca da rotina do exílio, Rollemberg afirma:

A história do dia-a-dia no exílio é, portanto, a história do choque cultural renovado constantemente; do mal-estar em relação ao outro e, sobretudo, em relação a si mesmo, entre o que se era – ou se pretendia ser –, e o que se acabou sendo de fato. É a história da desorientação, da crise de valores que significou, para uns, o fim de um caminho e, para outros, a descoberta de outras possibilidades. É a história do esforço inútil e inglório para manter a identidade. É a história da sua redefinição e da sua reconstrução, que se impunham num processo que se estendeu ao longo das fases do exílio e que continuou para muitos, mesmo depois da volta ao Brasil [Rollemberg, 2007, p. 5].

A desorientação e a crise de valores caracterizam, segundo Rollemberg, a vida dos intelectuais no exílio. Esses fatores são recorrentes nos escritos de Galeano, seja no livro *Días y Noches de Amor y de Guerra*, seja em outras obras – afinal, a temática do desterro aparece constantemente em seus textos. No artigo *El exilio: entre la nostalgia y la creación*, escrito na Espanha durante o exílio, o autor também manifesta as questões trazidas pelos teóricos aqui abordados.

Crisis de identidad, angustias del desarraigo, fantasmas que acosan, que acusan: el exilio plantea dudas y problemas que no necesariamente conoce quien vive lejos por elección. El desterrado no puede volver al propio país o al país elegido como propio. Cuando uno es arrojado a tierras extranjeras, queda muy a la intemperie el alma y se pierden los habituales marcos de referencia y amparo. La distancia crece cuando es inevitable. A los escritores, el destierro nos confirma, una vez más, que la literatura no es inocente. En su mayoría, los escritores chilenos, argentinos y uruguayos obligados al exilio en estos últimos años, estamos pagando las consecuencias del ejercicio libre de la palabra. Las dictaduras del sur han montado, como se sabe, una maquinaria del silencio [Galeano, 1979, p. 1].

Estão evidentes, aqui, temáticas como a crise de identidade, a perda de referência e do amparo, a desorientação e a impossibilidade do retorno. Também está presente a questão da consequência da contestação ao regime e do exercício livre da palavra, relacionado ao protagonismo que os exilados possuíam em seus países. Mais adiante, neste mesmo texto, Galeano reflete acerca da natureza do exílio, acrescentando, também, a ideia de que esta experiência não proporciona apenas dor:

El exilio, en tanto que obligado contacto con realidades extranjeras, no sólo puede alimentar a través de la revelación de identidades que universalizan al hombre: me nutro por lo que elijo y, también, por lo que rechazo. Mucho nos dicen las voces de estas culturas metropolitanas de tan larga tradición; pero también son elocuentes sus signos de cansancio. Mucho tenemos que aprender de las sociedades de alto nivel de vida, pero también nos enseñan, por ejemplo, que el desarrollo económico no es un fin en sí, que no siempre hace a los hombres más libres y felices y que a veces termina por ponerlos al servicio de las cosas.

Así amplió el campo de mi mirada y así voy encontrando claves de creación y orientación que podrán ser de alguna ayuda, tarde o temprano, cuando llegue la hora del regreso y haya que regar las tierras que las dictaduras están arrasando. El exilio, que siempre nace de una derrota, no solamente proporciona experiencias dolorosas.

Cierra unas puertas, pero abre otras. Es una penitencia, y a la vez una libertad y una responsabilidad. Tiene una cara negra y tiene una cara roja [Galeano, 1979, p. 3].

Assim, ao abordar o fenômeno do exílio político, é necessário superar perspectivas dicotômicas e analisá-lo como uma experiência complexa que não ocasiona apenas dificuldade, sacrifício e sofrimento. Efetivamente esta experiência funciona como a ruptura de um projeto ideológico e como a imposição de um afastamento em relação ao país e aos familiares, não se configurando em uma vivência natural e simples. Entretanto, é preciso identificar, também, que o exílio é um recurso utilizado para a segurança, a sobrevivência e para a manutenção da liberdade. Rollemberg, na conclusão de seu estudo, identifica o fato de que o exílio é uma experiência que, a despeito da imposição de dificuldades, é, também, uma vivência que possibilita descobertas e aprendizado:

O exílio, entretanto, também foi vivido como ampliação de horizontes. Impulsionou a descoberta de países, continentes, sistemas e regimes políticos, culturas, povos, pessoas.

Através dele, os exilados entraram em contato com outras trajetórias históricas, com outras referências. Formaram-se profissionalmente, experimentaram trabalhos qualificados e não-qualificados. As memórias do exílio são também memórias da convivência com o legado do Maio de 1968, o feminismo, a liberação sexual, as drogas, o questionamento dos códigos morais, as lutas das minorias, a crítica às vertentes do socialismo contemporâneo.

Para além das continuidades e dos dois pólos - naufrágios e descobertas -, o exílio foi, essencialmente, a metamorfose. A diversidade e a intensidade das experiências - "objetivas e subjetivas" - levaram a imprevistas transformações. Assim, o exílio tornou-se essencial na redefinição das gerações 1964 e 1968 [Rollemberg, 2007, p. 19].

Diante das memórias do exílio de Galeano, podemos concluir que foi uma experiência transformadora em sua vida, e o autor é consciente disso. Não por acaso este período é abordado recorrentemente ao longo de suas produções e entrevistas e apontado como uma vivência simultaneamente angustiante e enriquecedora. Valemo-nos do conceito de metamorfose, exposto por Rollemberg, para definir a experiência de Galeano no exílio:

o próprio autor identifica as dificuldades impostas ao desterrado, como também as novas descobertas e fontes proporcionadas pelo desterro. Ao abordar o exílio, Galeano trata do período como um renascimento – e associamos, nesse sentido, esta constatação com a ideia de metamorfose do exílio, teorizada por Rollemberg. Galeano demonstra, inclusive, um sentimento de gratidão pelo período de permanência na Espanha.

Vimos, deste modo, diante das rememorações de Galeano acerca do exílio e dos debates teóricos aqui abordados, o quanto esta experiência é ressignificante e impõe transformações ao exilado. Trata-se de uma vivência profunda que, para além das dificuldades, é caracterizada como uma possibilidade de aprendizado e ampliação de horizontes. Nos apropriamos, assim, do estudo de Rollemberg para apontar a constatação central em nossa análise – a partir dos escritos de Galeano, afirmamos que o período de seu desterro foi de extrema importância em sua vida e funcionou como uma metamorfose, impulsionando uma ressignificação de sua identidade.

Considerações finais

As rememorações do período do exílio Eduardo Galeano, manifestadas em *Días y Noches de Amor y de Guerra* são marcadas pelo protesto contra a violência, a perseguição, a tortura, as mortes e contra o que o autor chama de máquina do medo montada pelo “sistema”. Procuramos demonstrar a natureza do livro aqui analisado e da obra do autor, caracterizada por constantes denúncias em relação às ditaduras, às desigualdades sociais e à ordem capitalista.

Compreendemos que os escritos de Galeano acerca do exílio constituem um recurso de religamento ao mundo. A narrativa do trauma, como aponta [Seligmann-Silva \[2008\]](#), funciona como um esforço pela remanescência após o choque. A escrita aparece, também, como uma poderosa estabilizadora da memória, como indicou Assmann. Por fim, as lembranças do autor são caracterizadas, também, como uma oportunidade de resguardar as vozes suprimidas pelas ditaduras latino-americanas entre as décadas de 60 e 80.

A partir do enfoque nas memórias do autor a respeito do Uruguai, dialogamos com teóricos que se propuseram a estudar a temática do exílio. Identificamos, nos escritos de Galeano, o sentimento de desorientação, desenraizamento, sofrimento e luto ocasionados pelo exílio. O autor constantemente abordou a dificuldade de lidar com a desesperança, a interrupção da carreira e o afastamento do seu país e de sua família. A emotividade ao relembrar do Uruguai, a dificuldade de compreender a impossibilidade do retorno e a ansiedade de resultar desconhecido são sensações presentes na produção de Galeano. Em contrapartida, é presente, também, o entendimento de que o exílio proporciona a ampliação de horizontes e novas descobertas.

Nesse sentido, em meio às sensíveis lembranças do autor de sua terra púrpura, chegamos a uma constatação central em nossa análise: a experiência do exílio, para ele, foi conscientemente transformadora. Diante das dificuldades e das oportunidades ocasionadas por esta vivência, apropriamo-nos do conceito de metamorfose explicitado anteriormente para consumir nossa análise, ressaltando o quanto a experiência do exílio resultou em uma ressignificação – não apenas na vida de Eduardo Galeano, mas também de toda uma geração que não se conformou com a opressão da conjuntura ditatorial e contestou a violência e o silenciamento.

Referências

ASSMANN, A. **Espaços da recordação**: formas e transformações da memória cultural. Trad. de Paulo Soethe. Campinas/SP: Editora da Unicamp, 2011.

AYERBE, L. F. **EUA e América Latina**: a construção da hegemonia. São Paulo: UNESP, 2002.

GALEANO, E. **Días y Noches de Amor y de Guerra**. Barcelona: Editorial Laia, 2000.

GALEANO, E. **El exilio**: entre la nostalgia y la creación. Barcelona: [s. n.], abr. 1979. Disponível em: <https://us-mia-1.linodeobjects.com/rum/39b0c027-ad44-4539-9652-1d386567fcef>. Acesso em: 25 set. 2025.

GALEANO, E. **O livro dos abraços**. Porto Alegre: LPM, 1999.

KOVACIC, F. **Galeano**: apuntes para una biografía. Buenos Aires: Ediciones B Argentina S.A., 2016.

ROLLEMBERG, D. Entre raízes e radares: o exílio brasileiro (1964-1974). // JORNADAS INTERESCUELAS/DEPARTAMENTOS DE HISTORIA, 11., 2007, San Miguel de Tucumán. **Anais [...]**, San Miguel de Tucumán: Universidad de Tucumán, 2007. Disponível em: <https://www.aacademica.org/000-108/758>. Acesso em: 9 mar. 2026.

RONIGER, L. Reflexões sobre o exílio como tema de investigação: avanços teóricos e desafios. // QUADRAT, S. V. [org.]. **Caminhos cruzados**: história e memória dos exílios latino-americanos no século XX. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2011. p. 31-61.

SELIGMANN-SILVA, M. Narrar o trauma: a questão dos testemunhos de catástrofes históricas. **Psicologia Clínica**, Rio de Janeiro, v. 20, n. 1, p. 65-82, 2008. DOI: <https://doi.org/10.1590/S0103-56652008000100005>. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/pc/a/5SBM8yKJG5TxK56Zv7FgDXS/abstract>. Acesso em: 9 mar. 2026.

YANKELEVICH, P. Estudar o exílio. // QUADRAT, S. V. [org.]. **Caminhos cruzados**: história e memória dos exílios latino-americanos no século XX. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2011. p. 63-82.

INFORMAÇÕES ADICIONAIS**COMO CITAR ESTE ARTIGO SEGUNDO AS NORMAS DA REVISTA**

ABNT: TORII, C. A. Um voo sobre a Terra Púrpura: uma análise das memórias do exílio de Eduardo Galeano. *Vértices [Campos dos Goitacazes]*, v. 28, n. 1, e28123583, 2026. DOI: <https://doi.org/10.19180/1809-2667.v28n12026.23583>. Disponível em: <https://editoraessentia.iff.edu.br/index.php/vertices/article/view/23583>.

APA: Torii, C. A. [2026]. Um voo sobre a Terra Púrpura: uma análise das memórias do exílio de Eduardo Galeano. *Vértices [Campos dos Goitacazes]*, 28[1], e28123583. <https://doi.org/10.19180/1809-2667.v28n12026.23583>

DADOS DO AUTOR E AFILIAÇÃO INSTITUCIONAL

Cristina Allegretti Torii – Mestre em Literatura Comparada pela Universidade Federal da Integração Latino-Americana [UNILA]. Técnica em Assuntos Educacionais na Universidade Federal da Integração Latino-Americana [UNILA] – Foz do Iguaçu, PR – Brasil. E-mail: cristina.torii@unila.edu.br.

FINANCIAMENTO

A autora declarou não ter havido financiamento externo para a pesquisa que originou este artigo.

APROVAÇÃO DO COMITÊ DE ÉTICA NA PESQUISA

Não se aplica.

CONFLITO DE INTERESSES

A autora declarou não haver conflito de interesses.

DISPONIBILIDADE DOS DADOS

Não se aplica.

DECLARAÇÃO DE USO DE IA

A autora declarou não ter havido uso de ferramentas de inteligência artificial generativa na pesquisa e na escrita do artigo.

DECLARAÇÃO DE DIREITO AUTURAL

Este documento é protegido por Copyright © 2026 pela Autora

LICENÇA DE USO

Esta obra está licenciada sob uma [Licença Creative Commons](#). Os usuários têm permissão para copiar e redistribuir os trabalhos por qualquer meio ou formato, e também para, tendo como base o seu conteúdo, reutilizar, transformar ou criar, com propósitos legais, até comerciais, desde que citada a fonte.

RESPONSABILIDADE PELA PUBLICAÇÃO

Essentia Editora, coordenação subordinada à PROPPIE do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia Fluminense. As ideias expressadas neste artigo são de responsabilidade de seus autores, não representando, necessariamente, a opinião dos editores ou da Essentia Editora.